

**Percepção, Compreensão e Avaliação de Riscos:
Análise de resultados de pesquisas de campo**Antonio Fernando Navarro^[1]**Resumo**

Trata-se neste artigo do encadeamento entre a Percepção, a Compreensão e a Avaliação de Riscos, apresentando-se resultados de pesquisas de campo realizadas com empregados em empresas nos ramos de Construção Civil e Instalação e Montagem, em vários segmentos desde a construção civil para fins de edificação de prédios, pontes, portos, siderúrgicas e laminadoras, entre outros, até a instalação e montagem em empresas voltadas às atividades de Óleo, Gás e Energia. Será feito um recorte do tema, por ser bastante amplo, direcionando o artigo para se tratar de questões associadas a "riscos", através das análises de questionários específicos aplicados em vários momentos desses 40 anos de experiência do autor em Gerenciamento de Riscos, abrangendo os referidos temas. Esses questionários foram estruturados para temas específicos, do tipo fechados, entrevistando-se os trabalhadores nos canteiros de obras. As respostas foram avaliadas pela equipe responsável pela elaboração das pesquisas. Os resultados finais de cada entrevista eram levados ao conhecimento dos trabalhadores através de palestras ou encontros específicos.

Palavras-Chave: Gerenciamento de Riscos, Percepção de Riscos, Compreensão dos Riscos, Avaliação dos Riscos, Mensuração de Riscos.

**Percepción, Comprensión y Evaluación de riesgos:
Análisis de resultados de investigación de campo****Resumen**

Es en este artículo de encadenamiento entre percepción, comprensión y evaluación del riesgo, informando de los resultados de la investigación de campo realizada con los empleados de las empresas en los sectores de construcción e instalación en diversos segmentos desde la construcción civil para fines de construcción de edificios, puentes, puertos, molinos y laminadores, entre otros, a la instalación y montaje en empresas orientadas a las actividades petroleras, Gas y energía. Se realizará un recorte del tema, ser amplio, dirigiendo el artículo para abordar los problemas asociados con "riesgos", a través del análisis de los cuestionarios específicos aplicados en varias ocasiones de los 40 años de experiencia del autor en la gestión del riesgo, cubriendo temas tales. Estos cuestionarios fueron estructurados a temas específicos, de tipo cerrado, entrevistando a los trabajadores en sitios de construcción. Las respuestas fueron evaluadas por el equipo responsable de la preparación de la investigación. Los resultados finales de cada entrevista fueron traídos a la atención de los trabajadores a través de conferencias o encuentros específicos.

Palabras clave: Gestión del Riesgo, Percepción del Riesgo, Comprensión de los Riesgos, Evaluación del Riesgo, Cuantificación del Riesgo.

Perception, Comprehension and Mensuration of Risk Assessment: Analysis of results of field interviews**Summary**

It is in this article of chaining between perception, comprehension and mensuration of risk assessment, reporting findings from field research conducted with employees in companies in sites of civil construction and installation and erection in various segments since the civil construction for purposes of construction of buildings, bridges, ports, mills and rolling mills, among others, to installation and assembling in companies geared to Oil activities, Gas and Energy. Will be made a cutout of the theme, to be wide-ranging, directing the article to address issues associated with "risks", through the analysis of specific questionnaires applied at various times of the 40 years of the author's experience in risk management, covering such themes. These questionnaires were structured to specific themes, closed type, interviewing the workers in construction sites. The responses were evaluated by the team responsible for the preparation of the research. The final results of each interview were brought to the attention of workers through lectures or specific meetings.

Keywords: Risk Management, Risk Perception, Comprehension the Risks, Risk Assessment, Risk Measurement.

Introdução

O tema objeto deste artigo será tratado sob o viés da associação de conceitos voltados para a interpretação de riscos associados às atividades humanas, que possam ser indutores de perdas ou danos. De imediato, é importante mencionar que, à exemplo de uma gama de palavras como por exemplo: sustentabilidade, "riscos" passam uma ideia de perdas, insucessos, fracassos, prejuízos ou potenciais prejuízos, associados a uma série de atividades e fins, como por exemplo, o do sucesso de lançamento de um empreendimento imobiliário, o de surgimento de uma sequela ou insucesso após a realização de uma cirurgia, a colisão de veículos em uma rodovia, a ocorrência de assaltos a residências ou no momento da saída de uma agência bancária após o saque de dinheiro. Enfim, risco está associado à falta de sorte ou azar, e mesmo a perda. Costuma-se diferenciar a perda do dano, pois que a primeira costuma estar associada a responsabilidades ou bens intangíveis, enquanto a segunda a bens tangíveis. A responsabilidade civil devido a danos causados a terceiros provoca uma perda. A quebra de um vidro ou a ocorrência de um curto-circuito em um motor elétrico provoca um dano material. Há também os danos pessoais ou lesões.

O artigo associará a palavra risco a incidentes ou acidentes ocorridos em atividades voltadas para a execução de projetos. Da mesma forma que percepção terá o mesmo significado de impressões colhidas pelos sentidos – visão, audição, tato, paladar e olfato; compreensão será definida aqui como a capacidade de entendimento do significado de algo, seja esse um fato, informação ou resultante de uma análise, e avaliação será entendida como a apreciação, cômputo ou estimação de algo, destacando-se esse algo como tangível e relacionado aos riscos, direcionada à mensuração ou dimensionamento dos riscos.

Frisa-se que os riscos permeiam todas as atividades humanas e são antecidos por situações ditas perigosas. Ao se manifestarem são capazes de provocar, como consequência, perdas e/ou danos, os quais precisam ser avaliados e mensurados, a fim de que sejam desenvolvidas ações preventivas, que tanto podem eliminar as consequências, quanto mitigar ou reduzir os impactos das consequências. Poucos são os riscos que podem ser 100% eliminados, pois que esses se manifestam em cenários em constantes mutações.

Lógico é que a situação ideal é aquela na qual os riscos são estimados e avaliados antes que possam gerar consequências. Essas análises passam então a serem tratadas como ações preventivas. As ações preventivas podem se dar através da inserção de dispositivos de bloqueio, implantação de programas de capacitação, revisão de projetos ou de instalações e maior controle dos ambientes de trabalho.

As ideias e conceitos serão apresentados através da análise dos resultados de pesquisas de campo realizadas ao longo de períodos, atividades e amostras de indivíduos distintos, ou seja, têm-se momentos, empresas, pessoas, serviços e cenários distintos, que, tornaria a associação de resultados de difícil solução, mas que passa a ser representativa, pois que distintos são os ambientes mas com técnicas de obtenção de resultados assemelhadas.

O que se busca trazer como diferencial neste artigo além do resultado das análises é o da associação de elementos que usualmente não são tratados em conjunto, pois que se aborda muito a importância da percepção dos indivíduos, até mesmo como forma de prevenção deles próprios e de outros, da mesma maneira que são estudadas as várias maneiras de compreensão dos indivíduos, algumas vezes associadas a estudos cognitivos, e, por fim, a da avaliação de riscos.

Especificamente nas avaliações de riscos são verificados os progressos na questão da prevenção de perdas através da introdução de metodologias, programas computacionais, estudos estatísticos e formação de bancos de dados. O que se questiona na introdução do tema é o da persistência das ocorrências de acidentes, e da busca da compreensão se efetivamente para o trabalhador esse consegue perceber os riscos que o podem afetar ou atingir e quais as razões que o fazem continuar exposto aos mesmos. Essa questão é analisada pelos psicólogos sob a óptica da resiliência^[2] do trabalhador, que mesmo conhecendo os riscos termina se submetendo a sofrer acidentes em troca de uma remuneração ou benefícios aparentemente compensatórios. A **resiliência** é um conceito adotado nos estudos de psicologia, bastante empregado na engenharia de materiais, definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse etc. - sem entrar em surto psicológico. No entanto, Job (2003), que estudou a resiliência em organizações, argumenta que a ela se trata de uma tomada de decisão quando alguém depara com um contexto entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer. Essas decisões propiciam forças na pessoa para enfrentar a adversidade. Na engenharia de materiais a resiliência é uma propriedade dos materiais de retornar ao seu estado original, cessada a aplicação da força de deslocamento. O exemplo mais comum é o de uma lâmina com uma das extremidades firmemente presa, onde se aplica uma força na extremidade livre, fazendo-a vergar. Se a força é removida a lâmina volta à posição inicial. Todavia, se a força é excessiva a lâmina se dobra. Um trabalhador, que possui seus compromissos para com o sustento da família, e sem outra opção se sujeita a determinadas situações que podem chegar a ser constrangedoras. Essa sujeição, todavia, tem um limite, que é aquele que o trabalhador suporta. Excedido esse limite pode ocorrer reações que podem chegar a um "surto".

Um dos exemplos mais eficaz é aquele que estipula, através de Lei, ações compensatórias pelos empregadores, sob a forma de benefícios de insalubridade ou periculosidade, que elevam o piso salarial em troca da maior exposição dos trabalhadores a riscos que afetam sua saúde ou vida. Infelizmente esses benefícios passam a ser importantes para o trabalhador, pois que aumenta seu salário, principalmente o devido ao adicional de periculosidade, correspondente a 30% do salário-base do trabalhador. O pior de tudo é que todos esses benefícios terminam sendo extintos com a aposentadoria do trabalhador.

O risco de periculosidade encontra-se intimamente vinculado ao exercício de uma atividade, pois que associado ao perigo à vida do trabalhador. Entretanto, o risco de insalubridade afeta à saúde do profissional. A manifestação das doenças, causadas pela atividade em locais insalubres, não necessariamente se dá enquanto os trabalhadores desenvolvem suas atividades. As lesões podem se manifestar mesmo após a aposentadoria do trabalhador.

In fine, aponta-se a bússola da pesquisa e artigo para a questão da prevenção amplificada, não aquela mais imediata, mas aquela na qual as perdas e ou danos são futuros e possíveis e infelizmente não previsíveis quanto ao período da ocorrência. No passado os danos auditivos eram produzidos pela exposição prolongada a equipamentos ou ambientes onde os ruídos excediam aos limites máximos definidos como os que não gerariam sequelas posteriores. Assim, criou-se a associação do risco ao da exposição dos agentes geradores de ruídos.

Para que as lesões não se manifestassem a primeira medida foi a da proteção, não do ambiente ou máquinas, mas sim dos trabalhadores. Na evolução das pesquisas foram descobertos que substâncias dissolvidas na atmosfera ambiente também poderiam ser causadores de surdez. Essas questões dispostas em cenários possibilitam aos pesquisadores montar quadros de ações e associações com vista à prevenção amplificada.

Método

A principal metodologia empregada para a justificativa do artigo, da associação entre distintos conceitos associados à Percepção de Riscos, Compreensão e Avaliação dos Riscos será a da releitura de artigos escritos e publicados pelo autor e de outros profissionais, associada à interpretação de pesquisas desenvolvidas em canteiros de obras, seguindo modelos de pesquisa aprovados por pesquisadores e autores internacionais, além de acréscimos para a interpretação pelo leitor, realizados pelo autor.

A proposta é a de apresentar as justificativas para essas associações e deixar ao leitor a conclusão final.

Resultados

Qualquer análise ou discussão de temas passa necessariamente por um nivelamento preliminar de conhecimentos, principalmente quando o tema central pode apresentar várias interpretações. Um desses casos é o que aborda a questão "riscos". Extraíndo do artigo **Conceitos precursores no entendimento da Percepção de Risco**^[3], obtêm-se a seguinte abordagem:

Mister se faz apresentar uma explicação acerca do significado da palavra “risco”. Tal palavra pode ter vários significados dependendo de quem os apresenta, mesmo especialistas: “There are clearly multiple conceptions of risk. In fact a paragraph written by an expert may use the word several times, each time with a different meaning not acknowledged by the writer”(SLOVIC, 2002, pag 3). Dentre os vários significados de Riscos podemos citar (SLOVIC, 2002)^[4]:

1. Risco como perigo: este caso o risco seria algo derivado de um agente exterior.
2. Risco como probabilidade: este risco seria referente a uma possibilidade de ocorrência de algo danoso.
3. Risco como consequência: neste caso o risco seria a respeito de uma consequência direta conforme uma ação.
4. Risco como sorte: este risco está ligado a parte econômica, tendo como significado uma incerteza com respeito a ganhos futuros.
5. Risco como dano: é o perigo derivado de uma ação perpetrada pelo agente, onde o dano seria verificado no próprio agente.
6. Risco como tabu: é o perigo de algum membro de uma comunidade transgredir regras étnicas pautadas na hierarquia, usualmente envolve seres imateriais, magia.

O risco tem sido objeto de estudo das ciências sociais as quais creditam a ele um caráter essencialmente subjetivo (KRIMSKY, GOLDING, 1992^[5]; PIDGEON, HOOD, JONES, TURNER, GIBSON, 1992^[6]; SLOVIC, 1992^[7], WEBER, 2001^[8]; WYME, 1992^[9])

Acrescentaríamos ainda a definição de riscos dada por Joseph Hemard^[10] adaptada por AFANP, o qual apresentava as principais características de um risco: ser futuro quanto ao tempo, ser possível quanto a materialização, ser incerto quanto ao momento, ser independente da vontade das partes

quanto à casualidade e a expressão da vontade, ser capaz de causar perdas ou danos quanto à possibilidade de se poder avaliar o quantum se perdeu, e de serem essas perdas ou danos mensuráveis de modo que pudessem ser ressarcidos as perdas/danos.

Hemard já apontava para a lógica cartesiana na definição do risco, ao associar esses conceitos, na medida em que se um evento já estivesse ocorrido ou ocorrendo não poderia ser tido como um risco e sim como um fato. Ainda, se o evento fosse de impossível ocorrência como poderia ser enquadrado? Há que se considerar o aspecto da incerteza, talvez o primeiro fator. Não se pode imaginar que o risco ocorra em um momento determinado, mesmo que isso se dê em um futuro incerto, pois que se poderiam criar meios de interromper o processo de manifestação e propagação dos eventos, fenômeno esse estudado por Heinrich Herbert William ("Bill") que foi o primeiro especialista a estudar o tema e desenvolver a Teoria dos Dominós, enquanto trabalhava na Travellers Insurance Company em 1929, desenvolvendo suas teorias através de pesquisas envolvendo as ocorrências de acidentes relatados por segurados. Heinrich apresentou suas teorias no livro *Industrial Accident Prevention* publicado pela primeira vez em 1931. Independentemente das razões que conduziram Heinrich a elaborar essas pesquisas^[11], as seguradoras passaram a entender que o risco não era resultado de apenas um perigo, mas que poderia ser proveniente da associação de várias situações perigosas.

Após releituras de seus trabalhos, confrontando com os conceitos de Confiabilidade de Processos, que passaram a desenvolver estudos para o enquadramento das ações de manutenção, como corretivas (para fatos pretéritos), preventivas (para fatos possíveis, estimados como se dando após o término da vida útil do bem) e preditivas (para fatos ou situações, onde as empresas poderiam atuar na substituição ou na antecipação dos planos de manutenção, mesmo antes da proximidade do término da vida útil do bem ou sistema) conseguimos identificar fortes associações de ideias entre o que foi pesquisado por Hemard e o que foi introduzido pelos especialistas nos estudos de Confiabilidade^[12]. Os demais conceitos são um encadeamento dos primeiros, ou condições *sine qua non*, como a de não se poder indenizar algo que já ocorreu sem que houvesse um acordo de responsabilidades, ou algo para o qual um dos contratantes poderia ter contribuído para com a ocorrência, como a de dirigir um veículo completamente embriagado, por exemplo, ou a ocorrência de um evento que não tenha causado nem perdas e nem danos ou essas não teriam condições de serem mensuradas.

Destaca-se que essa análise conceitual é importante na medida em que se associam conceitos que se iniciam com a percepção, evoluindo para a compreensão e, por fim, para a avaliação de riscos. Os mesmos conceitos básicos desenvolvidos pelos especialistas da área de seguros, buscando identificar os riscos e traçar um prognóstico quanto às medidas de prevenção e custos envolvidos, são os que associam, através dos conceitos de Confiabilidade, a manutenção em atividade de um equipamento ou instalação. Assim, é importante que as taxas de falhas (sinistros na linguagem dos seguradores) sejam baixas para que as taxas de Confiabilidade (sucesso) sejam altas. Da mesma maneira que no mercado de seguros, riscos altos representam baixas probabilidades de sucesso.

a) Motivação

No artigo: Mudando Culturas de SMS: prevenção, motivação ou sinergia de ações?^[13] Navarro (2012) inicia seu artigo introduzindo um conceito até então pouco adotado pelas indústrias, a das ações associadas a recompensas, como:

Inúmeros são os processos de motivação de pessoas e mesmo animais, empregados de acordo com as espécies e os fins a que se propõem. Há motivações, ou a criação de climas motivacionais para a guerra, como os kamikazes japoneses que lançavam seus aviões lotados de munição contra os navios americanos, ou os terroristas que se auto explodem com enormes cargas de dinamite para atingir populações ou prédios públicos, motivações para a paz, como Gandhi, motivações para o trabalho e mesmo motivações para uma partida de futebol....

Quando a relação entre acertos se dá com os petiscos ou brindes, a motivação é real, palpável e tem sabor. O presidiário quando é comportado ou quando realiza atividades produtivas recebe uma progressão da pena. O garoto de rua quando leva a sacola da cliente até à casa dela recebe uma gorjeta. Nesses casos a “boa coisa” feita é ressaltada com uma recompensa....

Há vários autores e mesmo empresas onde as boas ações, o cumprimento de metas, a execução dentro das margens de erro mínimas, as boas coisas, o emprego de boas práticas, e até mesmo o atendimento às normas e procedimentos é pertinente ao exercício de suas atividades, ou de modo mais incisivo, uma obrigação. Esse tipo de pensamento, que adequado ou não, nivela as obrigações, deve ser entendido de outra forma. O Mundo como um todo já saiu em busca da produtividade em suas atividades comerciais. Produtividade não deve ser lida como sinônimo de qualidade, já que representa a execução de algo em um tempo estimado. Charles Chaplin, no filme Tempos Modernos, em 1936, em uma severa crítica à Revolução Industrial, representava um trabalhador que em uma linha de montagem seriada, cumpria sua tarefa de “rosquear” um parafuso, por exemplo. Em muitas empresas, com sólidas estruturas hierárquicas, os questionamentos feitos pelos funcionários subalternos não são bem vindos. No contraponto da questão tem-se a inibição da criatividade, das sugestões, dos repasses e ou trocas de conhecimento, da propositura de processos mais interessantes e não percebidos pelas gerências das empresas. Trata-se de questão que deve ser avaliada de acordo com as características dos serviços e da cultura das empresas. De qualquer forma, um trabalhador motivado sente-me melhor na empresa e tende a produzir mais e melhor.

Os programas de motivação não necessariamente devem se restringir a recompensas. Por exemplo, um bom ambiente de trabalho, limpo, organizado, onde exista cordialidade entre pessoas já é um ambiente motivador. A presença do gerente nas frentes de serviços, sem ser com o propósito de apurar problemas é sempre bem visto pelos trabalhadores. O fato de haver um canal de comunicação com as gerências para que os trabalhadores possam se manifestar já é um fator motivador.

b) Percepção

Percepção é o ato ou o efeito de se perceber algo. De acordo com os conceitos emitidos pelos dicionários, trata-se de uma reação a um estímulo exterior, que se manifesta por fenômenos químicos, neurológicos, e por diversos mecanismos psíquicos tendentes a adaptar essa reação a seu objeto, como a identificação do objeto percebido (ou seu reconhecimento), sua diferenciação por ligação aos outros objetos. Ou seja, muito da percepção é proveniente de experiências anteriores ou mesmo de memória genética, hoje plenamente comprovada com animais, onde o filho de um predador já nasce predador.

Podemos estar vendo uma construção e muitas vezes não estamos percebendo que suas colunas da estrutura estão desaprumadas. Podemos estar vendo uma experiência química e não estarmos percebendo que a reação produzida poderá nos atingir. Podemos estar nos debruçando sobre um projeto arquitetônico e não nos dar conta das necessidades de espaços da família.

A percepção é fruto da soma de experiências passadas e apreendidas, conhecimento, discernimento, entre outros aspectos. Muitas vezes vai-se ao campo com o encarregado de uma planta industrial e ele ao passar por um motor em funcionamento “percebe” algo estranho. Esse algo é fruto de uma audição acurada para a percepção de defeitos, que decodifica os ruídos.

Navarro (2009)^[14], no artigo: A Percepção dos Riscos e sua influência na redução dos acidentes de trabalho, apresentava já na introdução da questão:

Grandes têm sido os avanços nos estudos para a compreensão dos acidentes do trabalho. No princípio, as associações eram até relativamente bem simples, associando-se o trabalhador aos seus afazeres – trabalho, procurando encontrar algo que justificasse o acidente. Mais

posteriormente, nesses estudos passou-se a ligar também o meio ambiente do trabalho, ao trabalhador e a sua tarefa. Descobriu-se que com a incorporação desse terceiro vetor muitas das causas inexplicáveis passavam a ter sentido. Hoje já se sabe que há muito mais coisas a serem estudadas do que simplesmente aquelas três linhas: meio, homem, trabalho. O meio é mutável de acordo com circunstâncias da mesma forma que o comportamento humano. Uma tarefa pode ser alterada por alguma circunstância. Havendo mudanças certamente deverá ser necessária a reavaliação dos riscos e das medidas necessárias para proteger os trabalhadores contra os riscos acrescidos no ambiente do trabalho. Há os procedimentos que devem ser seguidos. Quando a pressa passa a ser eleita como prioridade número um muitos dos procedimentos são postos de lado. Aí surgem os atalhos, que também auxiliam o surgimento dos acidentes. Ainda estamos no resumo do artigo e já percebemos que acidente é algo complexo. Quando não corretamente analisado está se dando “sorte ao azar”, ou seja, possibilitando que outros possam ocorrer. A quebra desse círculo vicioso começa com o estudo de suas causas raiz ou causas básicas. Se um elo da corrente fica aberto evitam-se novas ocorrências. No estudo sobre a Percepção dos Riscos e a sua influência na redução dos acidentes do trabalho vamos discutir apenas um desses elos, que trata da “vítima” ou o trabalhador.

Os acidentes do trabalho sempre foram causa de muitas preocupações por parte das empresas e governos e motivo de grandes investimentos, ocasionalmente repensados, porque a redução dos mesmos não ocorria na mesma proporção desses investimentos.

Afora as tradicionais práticas de prevenção de riscos passaram a dar mais atenção a outras questões envolvendo os aspectos comportamentais envolvendo os trabalhadores acidentados. Prova disso que muitas das análises de acidentes passaram a incorporar informações sobre as atividades dos trabalhadores no mesmo dia ou no dia anterior à ocorrência dos acidentes, como por exemplo:

A que horas o trabalhador chegou ao canteiro de obras?

Qual foi o tema das orientações de segurança do dia?

Qual foi a hora de início das atividades?

Quem estava acompanhando os serviços?

Houve a liberação das atividades?

E outras questões mais. Pode parecer óbvio que a partir dessas análises e a interpretação das respostas ter-se-iam relações associando o acidente a alguém, ou pelo menos apontasse para culpado. Até então está se falando da teoria da culpa, sim, porque em todo o acidente deve haver um culpado! (SIC) Será que o objetivo das análises é apenas para conduzir ao culpado ou serviria esse para evitar novas ocorrências? As questões ou aspectos de percepção de riscos mais imediatos eram percebidos nas análises, mas e as outras não tão perceptíveis assim e igualmente importantes?...

De maneira provocativa e tratando da questão da "vitimização do trabalhador"^[15] e da associação com a percepção, Navarro (2009) busca induzir o leitor que o nível de percepção dos trabalhadores e a ocorrência de acidentes se encontram associadas. Busca na associação do ambiente do trabalho com o trabalhador e seus saberes e as características das atividades entender os complexos mecanismos que conduzem a uma ocorrência de acidentes do trabalho. Esses três cenários em algum momento se "tocam", ou seja, se conectam. Isso porque o ambiente de trabalho é mutável a cada instante, seja pela movimentação de materiais ou equipamentos, realização de uma tarefa especial, chegada do fiscal, enfim, qualquer coisa que não faça a parte da rotina dos serviços, quando inserida nesse ambiente apresenta grande probabilidade de provocar a desatenção das pessoas.

Percepção e desatenção são características opostas, mas que estão totalmente inseridas na mente do trabalhador e no ambiente de trabalho. Em outro momento atribui à sorte ou azar a ocorrência de um acidente do trabalho, contrariando o tema chave da percepção do trabalhador. Na medida em que o trabalhador percebe algo seus reflexos ficam mais aguçados e até para se proteger, intui que pequenas mudanças podem ser significativas. Deve ser criado um ambiente para que se possa compreender que a percepção é algo intuitivo, como também que essa pode vir a ser reduzida com fatos simples como: excesso de confiança e subavaliação dos problemas.



Arquivo pessoal de AFANP-2011

A foto apresenta a montagem da ferragem de um pilar no interior da fôrma e a fixação dessa na borda da laje para a concretagem. Destaca-se que na atividade havia pessoal experiente na preparação das ferragens e no posicionamento das mesmas nas formas de madeira para a concretagem. Também se destaca que não se tratava de um trabalho isolado, mas sim parte de toda uma atividade de preparação para a concretagem, que viria a seguir, de mais um andar da edificação. Por já estarem trabalhando naquele tipo de serviço minimamente por seis meses, podia se supor que tinham visto todo o ambiente. Mas será que se poderia afirmar que todos teriam percebido antecipadamente todos os perigos e riscos existentes naquela atividade?

Nessa atividade, no momento, haviam três operários envolvidos. Todos com cintos de segurança necessários para a prevenção de quedas em trabalhos em altura. Todavia, não se observa uma linha de vida onde os talabartes desses cintos estivessem fixados, ou seja, nenhum deles se encontrava protegido contra o risco de queda, mas utilizavam o equipamento de proteção individual adequado. Também se observa na foto que há um dos operários correndo mais risco de queda do que os demais. Qual deverá ser a abordagem de proteger os trabalhadores sem, contudo assustá-los, aumentando os riscos?

O risco deixa de existir, ou passa a ser mitigado, quando há planejamento da atividade, e no planejamento discutem-se as estratégias, proteções e riscos. É nessa fase, sem riscos, que se discutem os riscos. É bom esclarecer que uma coisa é eliminar um risco – algo bem difícil – outra de mitigá-lo – quando são empregados meios que atenuam os efeitos dos mesmos, principalmente sobre o ser humano. Mitigam-se riscos quando se fornece o EPI – equipamento de proteção individual correto.

O fato de se iniciar no tema tratando inicialmente da motivação se deve ao fato que o trabalhador

motivado fica mais suscetível de perceber, compreender e avaliar, ao invés de simplesmente aceitar os riscos. Esse é o primeiro ponto que se deve questionar:

Até que ponto a percepção é algo nato ou pode ser incutida nos trabalhadores?

Até que ponto a compreensão e avaliação é algo que pode ser do alcance dos trabalhadores ou seria parte de um esforço maior de adaptação do trabalhador à cultura da empresa?

Até que ponto o simples fato de os trabalhadores estarem utilizando o EPI correto seria um indicador de que os trabalhadores conheciam os riscos?

c) Compreensão

Para a abordagem da compreensão dos riscos pelos trabalhadores optamos por apresentar os resultados de algumas análises de pesquisas realizadas com trabalhadores, empresas e sindicatos, principalmente abordando o aspecto do acidente do trabalho e a compreensão ou não pelo trabalhador do risco a que estava sujeito.

Até este momento mostrou-se a importância que a motivação apresenta no contexto da associação de conceitos. Também se passa a ter uma visão mais realista que em um ambiente de trabalho os cenários não são estáticos, mas sim dinâmicos. Essa dinamicidade de situações, agora associada à motivação, ou ao inverso, a desmotivação, pode amplificar os riscos e suas ocorrências. A compreensão pelo trabalhador dos riscos em seu ambiente de trabalho pode contribuir para a redução dos acidentes do trabalho, ainda que não se tenha, tecnicamente falando, dos percentuais que podem ser atribuídos devidos a:

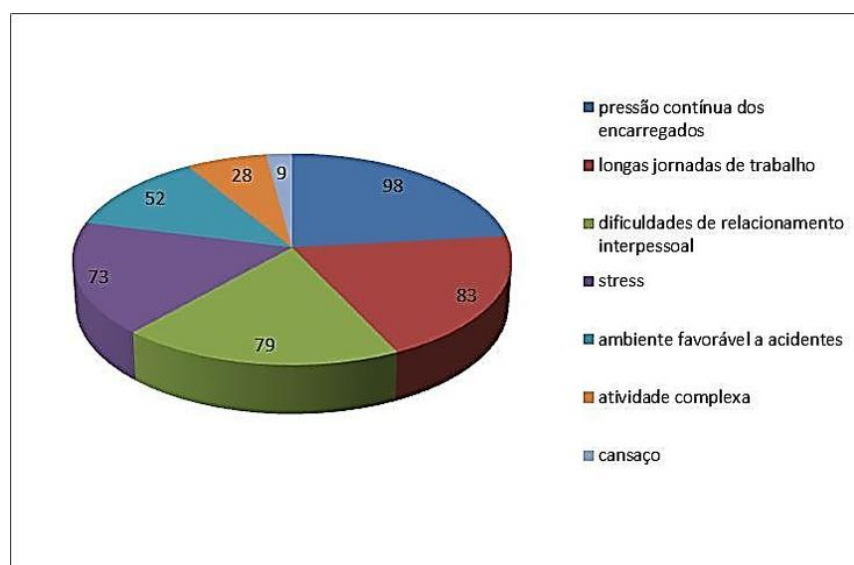
- ambientes do trabalho,
- capacitação dos trabalhadores,
- características das atividades desenvolvidas,
- cultura das empresas,
- características dos níveis de supervisão e gerência das empresas,
- características dos contratos de trabalho,
- graus de exigência impostos pela gerência da empresa e ou de contratos de serviços, etc..

As pesquisas buscam avaliar essas questões, assim como identificar meios para que se tenha estratégias adequadas e compatíveis que possibilitem minimamente mitigar os resultados, criando-se mecanismos que funcionariam como barreiras de proteção. Por exemplo, ao se identificar que há um grande número de trabalhadores que sofre acidentes devido a baixo nível de percepção pode-se desenvolver estratégias para desenvolver essa percepção, seja através de processos de comunicação, programas de acompanhamento das atividades, mudanças nos processos de trabalho, entre outros.

A pesquisa a seguir foi desenvolvida entre os anos de 2001 a 2005, objetivando identificar a ocorrência de desvios (descumprimento de processos pré-estabelecidos) e de incidentes (também ditos quase acidentes, ou o estágio que antecede a ocorrência dos acidentes, onde o trabalhador provoca ou é vítima de uma situação que pode conduzir a um acidente, por exemplo, ao transitar sobre um piso liso e passar por sobre uma poça de óleo escorrega e quase cai). Nessa pesquisa foram avaliados relatos de 422 desvios e incidentes, através de análise estruturada, apoiando-se a pesquisa em relatórios de Auditorias Comportamentais – técnicas que identificam fatores de riscos através do "olhar" envolvendo o comportamento do trabalhador.

A análise foi estruturada para obterem-se informações mais técnicas sobre os desvios e incidentes cometidos pelos trabalhadores, principalmente se poderiam ser atribuídos às pressões que esses eram submetidos em suas empresas para a conclusão de suas atividades, pressões essas algumas vezes camufladas sob a forma de “supervisão” constante dos serviços pelos encarregados. Os

resultados obtidos foram os seguintes:



Causas mais comum dos desvios e incidentes (AFANP)

Mais da metade dos desvios e incidentes, representando 61,61%, pôde ser atribuído à pressão contínua dos encarregados sobre os trabalhadores para que esses concluíssem o mais rapidamente possível suas tarefas, ou em decorrência de longas jornadas de trabalho, pelas mesmas razões anteriores, assim como a verificação das dificuldades de relacionamento interpessoal, principalmente em empresas com elevada rotatividade de pessoal, ou com contratos de curta duração, e, nesses casos, sem tempo suficiente para que os trabalhadores pudessem assimilar a cultura da empresa, o ritmo das obras e estabelecessem vínculos de relacionamento com os colegas da equipe de trabalho.

A pressão contínua sobre os trabalhadores pode conduzir às longas jornadas diárias (obrigatórias), e com isso às dificuldades de relacionamento interpessoal, neste caso, principalmente pela deterioração entre as relações, ditada mais pela execução dos trabalhos o mais rápido quanto possível e o elevado nível de stress que passa a existir, principalmente quando a atividade de um trabalhador passa a depender dos resultados das atividades de outros trabalhadores.

O restante dos tópicos avaliados passa a ser mera consequência, como o stress, o ambiente desfavorável, a atividade complexa, exigindo cada vez mais do trabalhador e, por fim, o cansaço, que o faz desistir, algumas vezes do próprio trabalho na empresa. Alguns atribuíam a isso o “cansaço de tudo”.

A principal razão, relatada pelos depoentes na pesquisa como causa básica do acidente pode ser atribuída à pressão contínua sobre os trabalhadores. Deve-se traçar um paralelo nesta questão, pois se há pressões para o término das atividades essa pode ser devida a falhas anteriores ao início das atividades, que poderiam ter sido levadas em consideração no momento oportuno.

Na dianteira das causas da maior incidência de desvios e incidentes tem-se a contínua pressão dos encarregados para a conclusão das atividades (atendimento a prazos), representando 23,22%, seguida das longas jornadas de trabalho, que representam 19,66%. Poder-se-ia ter apenas uma causa – pressão – que termina gerando, de uma maneira ou de outra, todas as demais causas básicas distinguidas na pesquisa.

O cansaço foi identificado em apenas nove entrevistas, representando 2,13%, isso porque todos os demais fatores citados contribuem para o cansaço, como jornadas longas, stress e todas as demais.

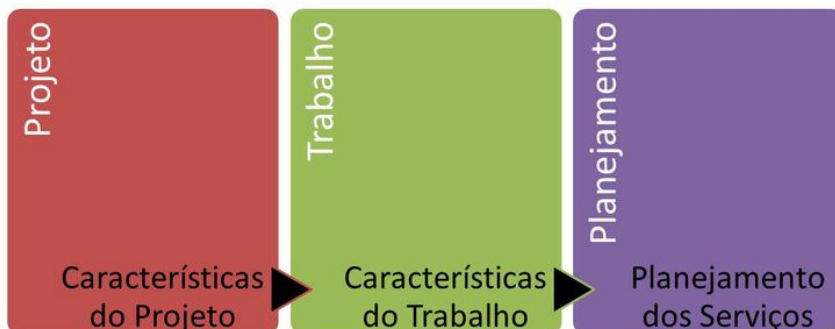
A dedução é que o trabalhador não consegue perceber o cansaço como um fator associado a outros, inclusive o cansaço mental, mas sim, “algo independente”.

De alguns entrevistados foram ouvidos relatos: “já cheguei na obra cansado”; “essa gripe tem me deixado cansado”; “minha obra em casa me deixou no prego” e assim segue.

Na pesquisa inseriu-se a questão da existência de ambientes favoráveis a ocorrência dos acidentes, a exemplo dos “edifícios doentes”. O “ambiente doente” ou “ambiente doentio” pode ser caracterizado como todo aquele onde é mais provável que se manifestem os acidentes, principalmente por serem locais onde o trabalhador não se sente confortável, seguro e tranquilo para a realização de suas atividades. Nesses ambientes pode estar existindo a falta de preocupação básica, por parte da empresa e mesmo do trabalhador, para com as questões de ordem, organização e limpeza. Se o trabalhador não percebe a preocupação da empresa para com essas questões termina fazendo o mesmo, ou replicando o “ambiente doente” em seu “micro ambiente de trabalho”, que passa a ser doentio também, com ferramentas espalhadas, piso com detritos, materiais fora de ordem, etc..

Normalmente os trabalhadores para não entrarem em conflitos com seus encarregados procuram seguir o que a empresa demonstra querer. Assim, não inovam. Se a empresa não se preocupa com arrumação não irão querer ser diferentes, arrumando seus ambientes de trabalho.

Olhando-se para o início do processo^[16], tal quais dominós enfileirados (Teoria de Heinrich) têm-se: como primeira peça o projeto; como segunda peça as características do trabalho e a terceira peça e, neste caso, a mais relevante em nossa análise, o planejamento dos serviços.



Encadeamento das etapas de um desvio ou incidente (AFANP)

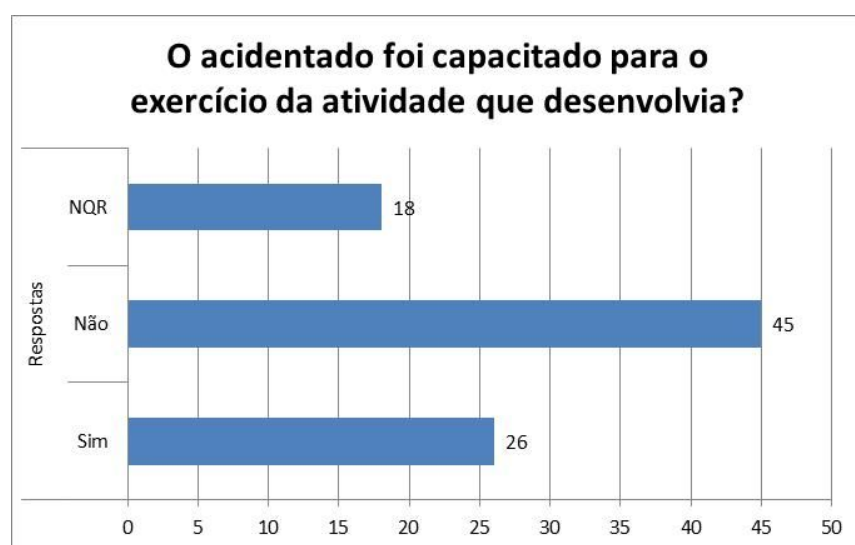
O projeto começa com uma intenção, ou projeto básico, também dito projeto conceitual. A partir do momento em que as dúvidas quanto ao mesmo vão sendo suplantadas, passam-se à etapa da análise do projeto com vistas à sua viabilidade econômico-financeira. Nessa etapa analisam-se custos, prazos exigidos, espaços e dificuldades encontradas, e as reais possibilidades de executá-lo considerando os recursos disponíveis^[17] e ou necessários para tal.

No planejamento inicial das atividades, quando completo e bem aplicado, se leva em consideração inúmeros fatores. Por exemplo, se as atividades são complexas os trabalhadores contratados devem apresentar experiência profissional anterior. Um trabalhador que repentinamente passa a fazer parte de uma equipe para trabalhar em algo que não tem o conhecimento necessário não pode apresentar níveis de percepção de riscos compatíveis com aqueles exigidos para a realização dos serviços e nem assemelhado ao grau de percepção dos demais trabalhadores – trabalhos em equipe significam responsabilidades em equipe. Também podem apresentar déficits de compreensão não só das tarefas como também da importância de sua atividade em um contexto maior. Nesse caso sequer tem a capacidade de avaliar os riscos a que se encontra exposto ou que poderá ser o indutor da ocorrência dos mesmos.

Em outra pesquisa empreendida entre os anos de 1985 a 1988, na análise de acidentes do trabalho com o fim de identificar as causas dos mesmos, sob o olhar de quem estava próximo, trabalhando-se com uma amostra de 89 acidentes, pudemos obter algumas informações parcialmente repassadas neste artigo. Ressalta-se que em muitos dos momentos tivemos a oportunidade de conversar com as "testemunhas", pois que a atividade de pesquisa não se limitou somente à análise documental em arquivos.

Para a estruturação da análise acrescentaram-se questões a serem respondidas pelos trabalhadores que estavam nas proximidades, os quais, pela distância que se encontravam do acidentado, pela percepção, pelo conhecimento da atividade e do acidentado e, principalmente, pela convivência no ambiente da obra poderiam contribuir para uma análise mais abrangente do que as análises tradicionais.

Vários foram os resultados obtidos em função de perguntas formuladas, que podem ser traduzidos em figuras para melhor fixação da ideia. São eles:



(NQR significa que os entrevistados não quiseram responder, por várias razões)

Nota: No entendimento dos colegas, 45% declararam que o trabalhador não estava capacitado para o exercício da atividade. A falta de uma adequada capacitação possibilita que o trabalhador fique mais exposto a sofrer acidentes, principalmente por não associar causa vs efeito, e mesmo não perceber ou compreender os riscos. Em geral o trabalhador, ao se acidentar, usa a expressão: "foi sem querer" ou, "eu não sabia que isso podia acontecer".

As empresas têm que entender que cabe a elas a obrigação legal de fornecer ao trabalhador todas as orientações não só a respeito das atividades que serão executadas, mas também de que forma o trabalhador deverá atuar para não sofrer nenhum acidente.

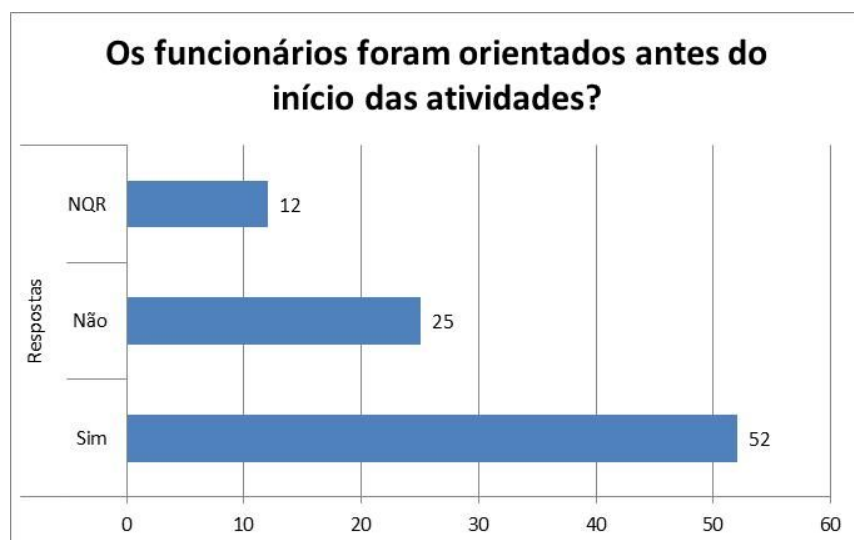
O trabalhador, de posse dessas informações, pode até se recusar a executar as tarefas, quando não se sentir capaz, sem que isso seja razão de demissão.



(NQR significa que os entrevistados não quiseram responder, por várias razões)

Nota: Quase a metade dos trabalhadores não quis dizer nada a respeito, até para não se comprometer. Porém 35% disseram que havia procedimentos para a realização das atividades.

A falta de comprometimento não significa necessariamente que as pessoas não queriam contribuir para com a pesquisa. Há que se considerar que muitos desses podem ter sido admitidos no período do acidente ou após o acidente, pois não se definiu como premissa básica que os respondentes já estivessem trabalhando com o acidentado antes da ocorrência do acidente.



(NQR significa que os entrevistados não quiseram responder, por várias razões)

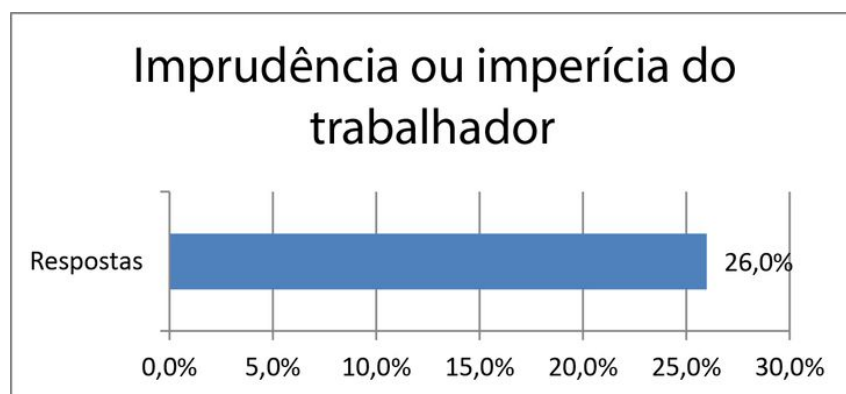
Nota: 52% dos respondentes disseram que os trabalhadores foram orientados sobre como realizar as tarefas antes do início das atividades. Essas respostas confirmam o que pode ser obtido na questão anterior.

Alguns dos trabalhadores entrevistados não reconheciam as palestras realizadas pelos encarregados como orientações para a realização das atividades.



(NQR significa que os entrevistados não quiseram responder, por várias razões)

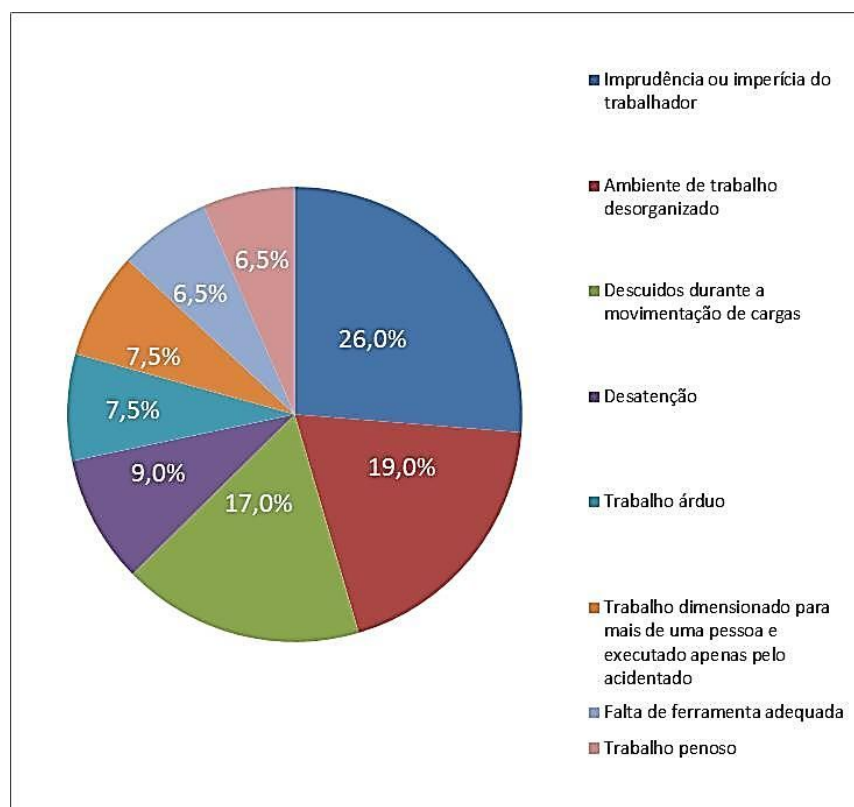
Nota: 65% dos respondentes disse que havia uma supervisão do local, frente de serviço, pelo profissional de segurança do trabalho. Não fez parte do escopo oficial da pesquisa, porém, grande parte desses respondentes disse que o profissional de SMS ficava algum tempo com os trabalhadores, sem que esses o vissem como o responsável pelas orientações de segurança do trabalho que os trabalhadores deveriam seguir.



(NQR significa que os entrevistados não quiseram responder, por várias razões)

Nota: Mais de 50% dos respondentes disse que o encarregado não se fazia presente na frente de serviço. Também 26% dos empregados disse que não queria responder a respeito. Não fez parte do escopo oficial da pesquisa, porém, uma parte considerável dos respondentes disse que o encarregado se fazia presente no início e no final das atividades e quando a obra era visitada pelo engenheiro chefe.

A que você^[18] atribui a causa do acidente? (quantidade de relatos)



Mais de 60% das causas dos acidentes, segundo depoimentos dos colegas de trabalho que se encontravam no mesmo ambiente de trabalho, não necessariamente ao lado do companheiro acidentado poderia ser atribuída à imprudência/imperícia, ambiente desorganizado e descuido com a movimentação de materiais. Como a presença do profissional de SMS era mais percebida pelos trabalhadores nas frentes de obras do que a do encarregado seria lógico se supor que esses profissionais de segurança poderiam atuar mais fortemente na manutenção do ambiente de trabalho organizado e nos cuidados durante a movimentação de materiais. Somente nesses dois aspectos, poder-se-ia reduzir as “chances” de ocorrências dos acidentes em 36%, ou seja, 1/3 dos acidentes seriam evitados com a interferência direta do profissional de SMS. Ao se somar o percentual devido a ferramentas defeituosas, o percentual de acidentes que poderia ser evitado com a atuação mais efetiva do profissional de SMS passaria a ser de 77% (setenta e sete por cento), ou seja, as chances de ocorrência de acidentes após a intervenção dos profissionais de SMS cairia para 25%.

Essas evidências dos sucessos obtidos com a participação mais efetiva dos profissionais de SMS podem ser avaliadas nas pesquisas realizadas.

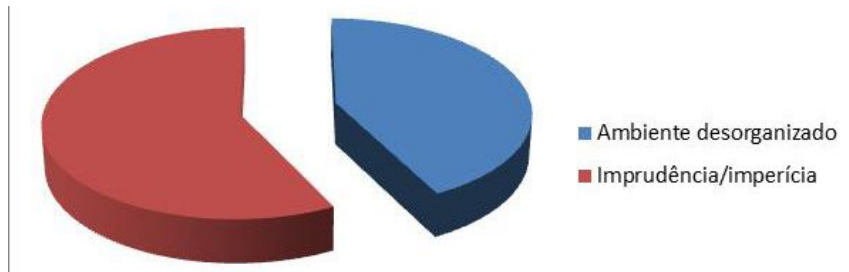
Os operários viam mais frequentemente o profissional de segurança nas frentes de serviços do que o encarregado das tarefas. As respostas, de certo modo contradizem o que se identificou na terceira questão, de os empregados haverem sido previamente orientados a respeito de questões de segurança, isso porque os profissionais de segurança se faziam presentes nas frentes de obras. Mais da metade dos depoentes declarou não haver procedimentos (ou não terem sido informados a respeito da existência desses), sendo que 29% dos depoentes disse que o acidentado não havia sido capacitado para o exercício das atividades.

No cruzamento das informações^[19], para o estabelecimento dos planos de ação dos processos de Gestão, com os depoentes declarando que os níveis de supervisão dos encarregados eram mais baixos que os dos profissionais de segurança e que esses não aplicavam as orientações a respeito de segurança, apurou-se que dois dos fatores que mais contribuíram para o acidente na visão daqueles trabalhadores poderiam ter sido neutralizadas através de uma boa vistoria antes do início

das atividades e nos programas de capacitação de pessoal, ou seja:

Ambiente de trabalho desorganizado: 17 pessoas

Imprudência ou imperícia do trabalhador: 23 pessoas



Relação entre fatores que mais contribuíram para a ocorrência dos acidentes (AFANP)

Os resultados desses relatos coincidem com os de relatos atuais, reforçando a ideia de que as práticas de planejamento das atividades, conjugada com a capacitação dos trabalhadores e a adoção de uma supervisão com o olhar 360º sobre todo o ambiente, podem reduzir as ocorrências dos acidentes. O que aparentemente é simples se transforma no tripé da Gestão da Segurança do Trabalho. Da mesma forma que os trabalhadores devem perceber os riscos, compreendê-los e avaliá-los, todos os profissionais que supervisionam/gerenciam as atividades/projetos também devem ter essa sensibilidade, pois que a ocorrência de um acidente não é tão simplesmente "fruto do acaso", mas sim resultado da combinação de fatores que precisam ser percebidos e controlados.



Inter-relação de ações para a redução dos acidentes do trabalho (AFANP)

Quando se analisam respostas dos depoentes, sem se buscar evidências que indiquem se essas estão corretas, corre-se sério risco de interpretar incorretamente as causas do acidente. Nesta pesquisa, soube-se, a posteriori, que muitos dos acidentados vinham de outras obras da empresa e assim já haviam sido capacitados. Como seus colegas não o viam o colega acidentado a seu lado nas salas de capacitação deduziam que esse não teria condições de exercer suas atividades pela falta de capacitação.

Passa a ser importante mencionar esses fatos porque em muitas análises percebe-se que os profissionais não estão preparados para a atividade de gestão, foram pressionados para que concluíssem rapidamente as apurações necessárias ou são assessorados por pessoas que não têm o interesse direto na apuração dos desvios, incidentes e acidentes. Em alguns momentos pode se pensar que a razão da contratação dos profissionais de SMS pode ter sido decorrente de exigências contratuais.

Discussão

Navarro, no Boletim Informativo da Fenaseg, Bl.782, de 01/10/1984, ao abordar o tema, no artigo: A segurança em Destaque, tratando de um acidente envolvendo uma mina de carvão em Urussanga/SC, com vários mortos, dizíamos: “No acidente em questão, observamos por tudo o quanto foi noticiado, que não existiam os meios e condições necessárias à segurança máxima da vida dos operários. É como se a vida daquelas muitas pessoas, que trabalham subterraneamente, em todos os sentidos, tivessem pouco ou nenhum valor. (...)”

Navarro, no mesmo Boletim Informativo da Fenaseg, Bl.789, de 19/11/1984, quando tratava do tema: Por Que ocorre um acidente do trabalho? Dizía: “Um operário em final de turno está sempre mais propenso a acidentes do que em um início de turno. A perda do seu time de futebol para outro time também é um fator preponderante para a ocorrência de acidentes. Períodos de recessão econômica, dias de pagamento, final do mês, vésperas de feriados, etc. são fatores que propiciam o surgimento de acidentes. Como se vê, todo e qualquer fator que motive o desequilíbrio psico-social do ser humano é um fator de acidente. (...)”

Navarro, no Boletim Informativo, Bl.867, de 06/07/1987, sob o título: A síndrome do desastre, tratando do grande acidente que atingiu o prédio da CESP, a exemplo do Andraus e do Joelma, todos grandes edifícios comerciais localizados na cidade de São Paulo, dizíamos: (...) A vida humana é muito barata (SIC) (...).

Em primeiro momento buscou se traçar um paralelismo entre a questão da percepção e da compreensão dos riscos. Porém, somente perceber e compreender os riscos é uma parte do longo caminho a ser percorrido para se atingir à Prevenção. Após essa, o próximo passo pode ser dado na busca dos desafios para se chegar ao patamar do Zero Acidente. O acidente zero não é uma utopia, mas algo que pode e deve ser perseguido, e alcançado após um longo esforço que leva em consideração aspectos como:

- gerências totalmente envolvidas e preocupadas com o sucesso do empreendimento,
- cultura de prevenção das empresas,
- características das ações motivacionais dos trabalhadores,
- envolvimento dos trabalhadores nas ações necessárias para a execução das atividades,
- características das atividades desenvolvidas para a execução dos projetos,
- graus de capacitação exigidos dos trabalhadores,
- processos de avaliação e reavaliação das qualificações dos trabalhadores,
- adequados níveis de supervisão e controle,
- contínuo repasse de informações a todos os envolvidos nas tarefas,
- gestão positiva para a prevenção dos riscos, reavaliação contínua dos projetos,
- planejamento adequado aos riscos de todas as atividades,
- exigência de qualificação dos fornecedores, simulações de situações onde haja maiores riscos para que os trabalhadores possam se ambientar naquelas situações e serem orientados para a percepção dos riscos.

A garantia para o exercício do trabalho de maneira segura, sem a exposição da saúde ou da vida do trabalhador se constituiu em um dos aspectos mais importantes da Constituição Federal e da Consolidação das Leis do Trabalho, esta através do artigo 200, apresenta dezenas de normas regulamentadoras aplicadas às atividades rurais e demais atividades, conhecidas, respectivamente,

por NRR e NR, regulamentadas pela Portaria nº 3.214/1978. Nessas fica clara a responsabilidade de ambos, empregador e empregado. Para cada uma das responsabilidades não cumpridas há previsão da aplicação de multas pelos agentes do Ministério do Trabalho e Emprego. Incluem-se nessas normas as atividades perigosas, insalubres e penosas.

O que se apresentou até aqui é uma pequena parcela do grande processo de se dotar as empresas de meios que consigam reduzir ou eliminar acidentes. Um acidente representa muito mais do que ações de atendimento imediato ao trabalhador acidentado. Traz reflexos outros que afetam os custos gerais do projeto, trazem consigo danos à imagem da empresa geram estigmas para as vítimas, provocam danos de responsabilidades, enfim, as consequências são muito maiores do que quaisquer ações relativas à prevenção dos acidentes. Navarro (2009)^[20] cita:

Os acidentes do trabalho sempre foram causa de muitas preocupações por parte das empresas e governos e motivo de grandes investimentos, ocasionalmente repensados, porque a redução dos mesmos não ocorria na mesma proporção desses investimentos.... A partir dessa constatação, e premidas por resultados em função da implementação de normas de gestão (NBR ISO 14001, OHSAS 18001 e outras); pelos acionistas, preocupados com a imagem da empresa e os valores das ações, e órgãos fiscalizadores, motivados pelos atendimentos médicos hospitalares e aposentadorias precoces, as empresas passaram a avaliar melhor as razões e causas dessas ocorrências de acidentes, em vista dos investimentos realizados e das boas práticas adotadas....

... Encontrar um sentido de vida em meio à adversidade é um dos temas subjacentes a histórias como a do pianista León Fleischer, que, no auge de uma carreira de sucesso, perdeu a motricidade fina dos dedos da mão direita. O fato, que inicialmente representou uma catástrofe pessoal e profissional, levou Fleischer a uma profunda depressão ocasionando questionamentos sobre o sentido de sua vida até que veio a compreender que seu vínculo com a vida transcendia sua carreira de pianista e que o elo de ligação entre vida e carreira se dava por meio da música. Essa descoberta alterou os rumos de sua vida, fazendo com que se tornasse maestro e professor de piano (Vanistendael& Lecomte, 2004)....

... Encontrar-se um sentido para a vida passa a ser relevante quando se analisa a causa de um acidente do trabalho que tenha provocado lesão ou morte ao trabalhador. Na maioria das análises das causas e consequências evidencia-se que o trabalhador foi orientado sobre os riscos e suas atividades, recebeu os meios de se proteger dos acidentes (EPIs) e possuía o conhecimento que o habilitava ao exercício de sua profissão. Mas então, por que foi vítima do acidente? Será que o mesmo perdeu o sentido para a vida? Não se expandindo muito a análise, apesar da complexidade do tema, por não ser pertinente neste contexto atual, percebe-se em alguns momentos que o trabalhador entendia que poderia continuar fazendo as suas atividades com sempre o havia feito anteriormente, exercendo seu saber operário. Uma das respostas mais ouvidas nas comissões de investigação de acidentes, quando entrevistam os empregados acidentados é: Eu faço dessa forma a mais de 20 anos e sempre deu certo... Ele, a vítima, o trabalhador, pode ser considerado como culpado pelo seu acidente? Não se questiona porque ele foi vitimado e em que circunstâncias o acidente ocorreu, mas busca-se, de modo geral, chegar ao fim de uma investigação do acidente, apontando-se as causas básicas, e demais causas associadas....

Essas são palavras que serão sempre atuais, pois que verdadeiras. Somente se avalia aquilo que se consegue compreender. Somente se compreende aquilo que se percebe. Nessa "engenharia reversa" da análise se percebe que qualquer que seja a direção todos encontram-se envolvidos no processo de prevenção.

Conclusão

O que de comum havia nos artigos publicados no mínimo há 25 anos atrás, além do tema, era o brado de alerta e mesmo de revolta pelo descaso com que essas questões eram tratadas. Naquela época, como ainda hoje, encontrados o culpado está encerrada a questão. Será mesmo? A maior

prova disso é que passados tantos anos parece-nos que o filme está sendo rebobinado e que continuamos a assistir a reprise da seção da tarde. O interessante é que as pessoas apesar de conhecer o enredo e de saber qual será o final da história ainda o assistem, com grande “IBOPE”.

Muitas das metodologias utilizadas na gestão dos acidentes de trabalho são voltadas inicialmente para os trabalhadores, objeto principal de todas as atenções, e quase nada ou muito pouco para o ambiente, incluso aqui o próprio ambiente do trabalho, ou as características das empresas que os empregam. Quando se voltam aos trabalhadores o fazem com o intuito de saber se esses tinham a necessária experiência para a atividade a que foram contratados, se tinham problemas de saúde, se faziam uso de álcool ou drogas, se descumpriram os procedimentos, e outras questões assemelhadas.

Quando o acidente evolui a óbito certamente a análise se aprofunda. Pelo fato da empresa vir a ser acionada pelos familiares da vítima buscam obter informações adicionais como: liberação da área de serviço; existência de procedimentos para a execução das atividades, fornecimento dos equipamentos e ferramentas adequadas à realização das atividades, liberação de permissão para o trabalho (PT) ou ordem de serviço (OS) e das eventuais restrições impostas, e a evidência de que o trabalhador foi orientado sobre os riscos de sua tarefa. Esse conjunto de documentos evidencia os cuidados da empresa, dentre outros, para evitar os acidentes. Quanto a PT ou OS a evidência muitas vezes é uma lista de presença de um treinamento com a assinatura do trabalhador. Se esse assimilou adequadamente o assunto, não se questiona, mesmo porque quase não há instrumentos de avaliação disponíveis para essa avaliação. Se o trabalhador estava bem para a execução do serviço também não se questiona. Quanto a isso o que é pedido é a cópia do atestado de saúde ocupacional onde, mediante uma avaliação médica e exames laboratoriais complementares, se informa que o trabalhador estava apto ou não para o exercício de suas atividades. Muitas vezes esses ASOs (Atestados de Saúde Ocupacionais) apresentados podem ter sido emitidos muitos meses anteriormente à ocorrência do acidente, ou emitidos por clínicas sobre as quais possa pesar algum tipo de suspeita.

Um acidente é, antes de tudo, resultante de uma série de fatores, para o qual podem concorrer: habilidades, gestão, procedimentos, processos, entre outros. O ambiente de trabalho talvez seja o elemento que mais contribui para uma ocorrência de acidente, razão pela qual todos devem ter a percepção dos riscos.

Um exemplo real que pode se dar é o seguinte: “dois trabalhadores executavam uma atividade em uma vala aberta na rua, recém escavada com uma retroescavadeira. A profundidade de escavação era da ordem de 1,50 metros. A retroescavadeira tinha concluído a escavação e os trabalhadores acabavam de entrar quando, durante a análise do que teria que ser feito houve um desbarrancamento do talude natural de um dos lados. O trabalhador que estava de costas ao barranco foi empurrado para frente pelo peso de terra e ficou soterrado com cerca de 40 centímetros de terra. Seu companheiro, que estava de frente a ele ficou com terra até a altura do joelho. Naquele momento todos se preocuparam com o colega soterrado. Na pressa de tirar o companheiro daquela situação, deitado de bruços e com terra sobre o corpo o companheiro que estava na frente sugeriu o emprego da retroescavadeira para a rápida remoção da terra. O trabalho começou. Em um determinado momento, todos tensos com a situação do colega, o operador da retro sem muita visão da profundidade da escavação, ocorreu o impensável. O dente da concha (pá curva que fica na frente da máquina) atingiu a cabeça do trabalhador que estava de bruços sobre a terra, removendo seu escalpo, com severos danos ao crânio. O trabalhador foi a óbito”. O que ocorreu? Qual a causa principal para essa ocorrência? Independentemente de quaisquer que sejam as análises, a teoria da culpa aponta em primeiro lugar para o seu colega de trabalho que sugeriu o emprego do equipamento de escavação. Talvez esse seja o pensamento de 9 entre cada 10 pessoas que analisem a questão. Mas será ele o verdadeiro culpado? Existirá um culpado? Esse talvez seja um assunto para um próximo trabalho. Se a empresa não motiva adequadamente os trabalhadores ou não gestiona as ações preventivas com ênfase, como por exemplo o foco prioritário na entrega da obra ou o compromisso com o cumprimento dos prazos em detrimento da

segurança pessoal, talvez os trabalhadores não se sintam motivados o suficiente para romper as barreiras necessárias e abraçar a causa da prevenção de acidentes em seus próprios benefícios. Afora isso, empresas que apresentam grande rotatividade da mão-de-obra, principalmente as que atuam no ramo da construção civil, não têm tempo o suficiente para criar uma cultura própria e possibilitar que seus empregados assimilem e ponham em prática essa cultura, ainda no transcurso da obra.

Há que se considerar também que existem conflitos de entendimento, felizmente não generalizados, sobre questões como: fatores estressores no ambiente de trabalho, estresse, ansiedade, medo, resiliência e outros temas correlatos, que terminam por associá-los de modo equivocado, e, muitas vezes, são uma das causas dos acidentes. Essa interpretação equivocada de conceitos muitas vezes mascara o real problema da prevenção de riscos.

Por fim, a percepção dos riscos, associada à compreensão e avaliação dos mesmos deve ser uma prática que permeie toda a estrutura da organização e influencie as atividades das empresas. Nos exemplos apresentados enfocava-se essa questão associando-a a atividades de obras. Contudo, os mesmos conceitos podem ser estendidos a outras áreas, adequando-os. Não se deve chegar a conclusões antes da compreensão de todo o processo ou metodologia empregada na execução do projeto. Conclusões precipitadas terminam por prejudicar o processo de gestão.

-
1. Engenheiro Civil e de Segurança do Trabalho, com atuação por cerca de 40 anos em atividades de Gerenciamento de Riscos, professor universitário em Curso de Ciências Atuariais.
 2. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_\(psicologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_(psicologia))
 3. Bartoszeck, Flavio Kulevycz & Thielen, Iara Picchioni, Conceitos precursores no entendimento da Percepção de Risco, *Jornal de Ciências Cognitivas*, da Sociedade Portuguesa de Ciências Cognitivas, disponível no site: http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/11-12_bartoszeck.html, acessado em 22/04/2015.
 4. SLOVIC, P. Perception of risk: Reflections on the psychometric paradigm. In S. Krimsky & D. Golding (Eds.), *Social theories of risk* (pp. 117-152). New York: Praeger, 1992.
 5. KRIMSKY, S., & GOLDING, D. *Social theories of risk*. Westport, CT: Praeger-Greenwood, 1992.
 6. Pidgeon, N.F., Hood, C., Jones, D., Turner, B. and Gibson, R. (1992). Risk perception. Ch 5 of *Risk Analysis, Perception and Management: Report of a Royal Society Study Group*, London, The Royal Society, 89-134.
 7. SLOVIC, P. Perception of risk: Reflections on the psychometric paradigm. In S. Krimsky & D. Golding (Eds.), *Social theories of risk* (pp. 117-152). New York: Praeger, 1992.
 8. WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política. In: _____. *Metodologia das Ciências Sociais. Parte 1. Tradução de Augustin Wernet*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001. p. 107-154.
 9. Wyme, Brian, *Misunderstood misunderstanding: social identities and public uptake of Science*, IOP Publishing Ltd and The Science Museum, 1992.
 10. Joseph Hemard, *Traité théorique et pratique des Assurances Terrestres*, Paris: Recueil Sirey, 1924-1925.
 11. Algumas análises apontam que na época da Grande Recessão Americana todo o País sofreu amargamente com a falta de emprego, e todos os demais cenários de uma recessão econômica. Assim, era importante se ter alguma previsibilidade de ocorrência de acidentes, mais com o intuito de controlar as perdas financeiras com as indenizações dos sinistros do que propor novos métodos de prevenção de acidentes.
 12. Confiabilidade pode ser definida como: “a probabilidade de que um determinado item (componente, equipamento ou sistema) desempenhe com sucesso a sua função durante um certo período de tempo e sob condições específicas”.
 13. Navarro, Antonio Fernando, disponível em www.ebah.com.br/, acessado em 21/04/2015.
 14. http://pt.slideshare.net/savedfiles?s_title=a-percepo-de-riscos-e-sua-influncia-na-reduo-dos-acidentes-texto-funenseg27102009&user_login=AntonioFernandoNavarro

15. Expressão associada ao fato do trabalhador sempre ser percebido como vítima ou sempre ser considerado como uma vítima de todo um processo de gestão das atividades de Segurança do Trabalho.
16. Aqui definido como um conjunto de etapas, encadeadas diretamente ou não, que guardam relações entre si, e que depois de realizadas culminarão com o “objeto” do mesmo, seja um prédio, uma indústria, ou uma embarcação.
17. Recursos são todas as “facilidades” existentes na empresa e ou no canteiro de obras, que possam ser empregadas para a realização das atividades. Essas facilidades não necessariamente são as ferramentas e equipamentos, podendo também o ser a oferta de água, luz, energia e saneamento, espaços disponíveis, arruamentos e ou urbanização da área, disponibilidade para os trabalhadores de espaços para higiene e limpeza, refeições e alojamentos, entre outras.
18. As perguntas foram formuladas para os colegas do acidentado que se encontravam presentes por ocasião do acidente. Muitas dessas pessoas sequer tinham sido ouvidas durante as investigações dos acidentes, já que alguns dos procedimentos de avaliação levam em consideração a avaliação do local do acidente, as características do acidente, os registros e outros documentos relacionados ao acidente. Se não há testemunhas que se apresentem os investigadores não procuram conversar com os demais colegas de trabalho.
19. Todas as informações fornecidas ou obtidas pelos analistas ou investigadores devem ser avaliadas, independentemente da fonte da informação. Isso porque em determinadas circunstâncias as informações podem estar incompletas, ou simplesmente podem não corresponder à realidade, principalmente de o entrevistado não tem boas relações com o acidentado.
20. A Percepção dos Riscos e sua influência na redução dos acidentes de trabalho, Cadernos de Seguro da FUNENSEG, Rio de Janeiro, 2009.